

ISSN 2238-7196

V.13

2024

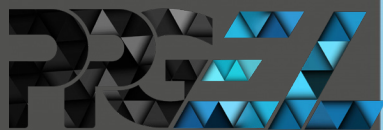
PUBLICAÇÃO CONTÍNUA

MUITAS VOZES

REVISTA DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DA
LINGUAGEM

UEPG

RAÇA, GÊNERO,
SEXUALIDADE E CLASSE EM
IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DA LINGUAGEM



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

| | |
|---|---|
| REITOR | Miguel Sanches Neto |
| VICE-REITOR | Ivo Mottin Demiate |
| PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO | Giovani Marino Favero |
| COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM | Evanir Pavloski |
| EDITORIA GERAL | Prof. Dr. Fábio Augusto Steyer |
| EDITORAS DO DOSSIÉ | Prof. ^a . Dr. ^a . Keli Cristina Pacheco - UEPG Prof. ^a . Dr. ^a . Nilcéia Valdati - UNICENTRO Prof. ^a . Dr. ^a . Rita Lenira de Freitas Bittencourt - UFRGS |
| PROJETO GRÁFICO | Andressa Marcondes |
| DIAGRAMAÇÃO | Murilo Martins |
| CRIAÇÃO DE CAPA | Dyego Chrystenson Marçal |

CONSELHO EDITORIAL

Benito Martinez Rodriguez - UFPR
Claudia Mendes Campos - UFPR
Desirée Motta-Roth - UFSM
Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira - UECE
Julio Pimentel Pinto - USP
Kanavillil Rajagopalan - UNICAMP
Maria Ceres Pereira - UFGD
Naira de Almeida Nascimento - UTFPR
Orlando Grosseguesse - Universidade do Minho
Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh - (UEPG)
Regina Dalcastané - UNB
Rosana Gonçalves - Unicentro
Rosane Rocha Pessoa - UFG
Waldir do Nascimento Flores - UFRGS

PARECERISTAS

Alexandre de Oliveira Torres Carrasco
Ana Karla Canarinos
Andréa Correa Paraíso Muller
Claudia Grijó Vilarouca
Dejair Dionísio
Diego Lock Farina
Eliana da Conceição Tolentino
Eunice de Moraes
Fabio Grunewald
Giuliano Lellis Ito Santos
Luciana Nascimento
Luís Francisco Wasilewski
Paulo Roberto Alves dos Santos
Rafael Eisinger Guimarães
Rosana Apolonia Harmuch
Sabrina Franzoni
Silvana Oliveira
Silvely Brandes
Tiago Guilherme Pinheiro
Tiago Hermano Breunig
Wagner Monteiro
Wallace Araújo

Muitas Vozes / Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem,
Universidade Estadual de Ponta Grossa. Editora UEPG.
Vol. 1, n.1 (jan–jun. 2012). Ponta Grossa, 2012-2020, Semestral.

Vol. 13 (2024) Publicação Contínua

ISSN 2238-7196 (Versão online)

1- Linguagem. 2- Identidade. 3- Subjetividade.

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

INFORMAÇÕES / DISTRIBUIÇÃO / PERMUTAS

Muitas Vozes

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade
Praça Santos Andrade n.1
Sala 115 – Bloco B
84.030-900 Ponta Grossa - PR

Endereço eletrônico: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes>

E-mail: revistamuitasvozes@gmail.com

Permutas - E-mail: [<intercambio@uepg.br>](mailto:intercambio@uepg.br)

VENDAS

Editora e Livrarias UEPG

Fone/fax: (42) 3220-3306

Email: [<editora@uepg.br>](mailto:editora@uepg.br)

[<http://www.uepg.br/editora>](http://www.uepg.br/editora)

Pede-se permuta

Exchanged Requested

2024

SUMÁRIO

ARTIGOS

O ANIMAL COMO SIGNO POLÍTICO EM CAMPO EXPANSIVO EM “A METAMORFOSE” DE FRANZ KAFKA E “MEU TIO O IAUARETÊ” DE GUIMARÃES ROSA

Lincoln Felipe Freitas, Silvana Oliveira

RAÇA, GÊNERO, SEXUALIDADE E CLASSE EM IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM

APRESENTAÇÃO - VOZES E RESISTÊNCIAS: DESVENDANDO IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM E SUA ARTICULAÇÃO COM RAÇA, GÊNERO, SEXUALIDADE E CLASSE SOCIAL.

Cloris Porto Torquato, Neiva Maria Jung

DE HOME GIRLS A WORLD GIRLS - A CASA DENTRO DE SI

Joana D’Arc Martins Pupo

DEMARCAÇÃO DE TERRA NO BRASIL: DISCURSO, NECROPOLÍTICA E RESISTÊNCIA

Nívea Rohling, Maria de Lourdes Rossi , Ketlyn Margoti

UMA ANÁLISE CRÍTICA DE LETRAS DE MÚSICAS FEMINISTAS DESAFIOS, EMPODERAMENTO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Fernando Luís de Moraes

“EU SOU A PROVA VIVA DE QUE DEU CERTO”: ANÁLISE EM PERSPECTIVA DIALÓGICA DO DISCURSO DE BOLSONARO EM UMA COLETIVA DE IMPRENSA DURANTE A PANDEMIA

Eleticia Elza Carneiro Podolak Strukoski , Cristiane Malinoski Pianaro Angelo

APLICATIVOS DE APRENDIZAGEM DE L2 E A ECONOMIA DAS LÍNGUAS: UMA ANÁLISE DO DUOLINGO

Nívea Rohling, Laura Catalina Peña Ramirez

MASCULINIDADES NEGRAS HOMOSSEXUAIS EM NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS INTERSECCIONAIS

Pedro Ivo Silva, Tatiana Nascimento

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ CRÍTICA E LITERATURA DO FORA: TRÂNSITOS E REFÚGIOS

...
*há muita coisa em comum entre
cair num rio
e cair em si
e cair fora*

Ana Martins Marques (2021, p.40)

A literatura e a crítica latino-americana contemporânea propõem o pensamento do fora, em diversas manifestações críticas e poéticas, estabelecido em modo constelar. Assim, podemos entender como pensamento do fora um colocar-se em movimento à deriva dentro de determinados lugares, que ora apontam para algumas estabilidades e ora sugerem pertencimentos outros, mesmo instáveis e temporários. O fora pode ser o de si, que entende a loucura como centro das discussões da crítica e da produção artística, como nos trabalhos de Peter Pal Pelbart (2000) ou mesmo de Ana Kiffer (2014). O fora também pode repensar os entre-lugares pelos quais os idiomas transitam, enquanto expressão de um viver entre línguas, como nos propõe Sylvia Molloy (2021) e sua interlocutora brasileiro-argentina, Paloma Vidal (2019), ou mesmo as produções em português selvagem, exploradas por Douglas Diegues (2012), por exemplo. O fora pode se dar como a saída que a literatura encontrou ao se produzir/reproduzir em outros suportes, que não apenas o livro e o mercado editorial, como aponta Florencia Garramuño (2014). Além disso, os corpos, assim como questões de gênero, questionando a prevalência da lógica binária, masculino e feminino, do enquadramento antropocêntrico que sobrepõe o homem aos animais e vegetais, também ganham destaque no pensamento do fora e encontram refúgio na fluidez do trânsito, em noções como trans, monstro, passagem etc., conforme as sugestões de Gabriel Giorgi (2014), ou de Judith Butler (1993). Por fim, outra manifestação do fora estaria, ainda, nas formas e forças do eu, que encontram lugar nos autobiografismos e nos ensaios, como nos lembram Julián Fuks (2017) e Eurídice Figueiredo (2022).

Inevitavelmente organizado como uma variedade de registros, este dossiê apresenta uma série de artigos que versam sobre condições do fora na crítica e/ou na literatura latino-americana, quais sejam: o plurilinguismo como condição estética e política; os suportes utilizados na criação poética e teórica; as experimentações e releituras interartísticas; os corpos que fogem do binarismo e das injunções patriarcais redutoras; o trânsito entre autobiografismos e ensaios em configurações híbridas e autoficcionais.

O dossiê abre com “Duas versões do fora: distinção e dissolução”, de Suelen Ariane Campiolo Trevizan, que articula uma teoria do ou sobre o próprio conceito de fora. A autora retoma historicamente a ideia de que o fora surge, no pensamento francês e alemão, principalmente como uma maneira de se distanciar de um discurso positivista moderno que propunha

uma suposta neutralidade da linguagem. A noção do fora, assim, é defendida por autores como Novalis, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Georges Bataille, Roland Barthes, Michel Foucault e, por fim, Maurice Blanchot, cuja obra *A conversa infinita* (1969), merece destaque da autora para mostrar como o pensamento do fora se configura em dois cronótopos: o “1800” e o “1970”, em seus entendimentos sobre a literatura. Além disso, a ficção de Hilda Hilst e a de Juliano Garcia Pessanha são citadas como referências para refletir sobre o fora blanchotiano.

A seguir, a respeito dos espaços de um fora transnacional, no artigo “O conceito de viver entre línguas a partir de uma análise da obra *Kosmofonia: Mbyá-Guarani*”, Tessio Stelmatchuk e Edson Santos Silva estudam a obra, de 2006, organizada por Guillermo Sequera e Douglas Diegues, resultante de uma pesquisa da cultura indígena a respeito do *kósmos* e formatada na mescla entre a língua portuguesa, a espanhola e a guarani, em um gênero escritural que pode ser considerado, conforme denomina Diegues, um “*portunhol selvagem*”. Ao trabalharem teoricamente com Benjamin (1967), Gasparini (2012), Catonio (2018), Jasinski (2021) e Molloy (2018), os autores entendem a noção de “viver entre línguas” como articuladora das relações e os intercâmbios linguístico-culturais das regiões de fronteira entre o Brasil e os outros países da América Latina, tanto no campo das artes quanto no da antropologia. Por outro lado, em direção similar mas em rota inversa, Rosane Cardoso, em “O movimento da cidade: as múltiplas vozes em *Hombres de Mar*, de Óscar Colchado Lucio”, estuda o escritor andino-peruano que concentra seu olhar na região do Chimbote, área pesqueira que teve seu auge nos anos de 1960, explorando o processo migratório que envolve as personagens em um espaço em que o idioma espanhol instituído convive – e se mescla – com o quéchua subalternizado. Em referência ao conceito de entrelugar (Santiago), o artigo analisa as várias nuances da literatura que conjuga a vida urbana costeira e a cosmovisão andina, onde o homem da serra e o da costa são confrontados e, no âmbito estético, a literatura peruana neo-indigenista dá lugar à narrativa andina, em processos de identidades pautados pela heterogeneidade e pela hibridização (Conejo Polar).

Com relação à saída da literatura de seu suporte, é possível visualizar uma reflexão de cunho teórico no artigo intitulado “Heteronomia e resistência: porosidade e exterior em certa poesia brasileira”. Nele, o autor Maurício Chamarelli reflete sobre a porosidade da poesia contemporânea brasileira a partir da noção de heteronomia de Florencia Garramuño. A hipótese do autor é que diversos gestos da atual poesia encenam um texto poroso em relação a sua exterioridade, desenhando uma concepção de poesia sem propriedade, em campo expandido. Neste passo, chegamos ao exercício de diálogo promovido entre a poesia de Conceição Evaristo e as artes plásticas contemporâneas de Titus Kaphar, tal como vemos no artigo “O exílio da pessoa negra: um diálogo entre Conceição Evaristo e Titus Kaphar”, de Leonardo Guisantes, Lucan Moreno e Marly Soares. A poesia de Evaristo é nele posta em diálogo com as telas de Kaphar, em ambas os autores identificam a denúncia da condição da pessoa negra em espaço americano, aqui cotejados Brasil e Estados Unidos. É preciso também identificar o mesmo gesto de saída do suporte na literatura indígena, tal como nos apresenta o texto de Thiago Correa: “Emancipar a subjetividade: notas sobre *Recado ao Parente*, de Gustavo Caboco”. Caboco é um multiartista indígena que, a partir de variadas linguagens procura cultivar subjetividades insubmissas e emancipadas. Com base nos estudos de Rolnik (2019), Correa advoga pela necessidade do estímulo às práticas subjetivas a partir da experiência artística e sensível, essa encorajada por Caboco em sua complexa prática artística, e entende o exercício como um modo de se confrontar aquilo que Caboco (2022) nomeia “Coma Colonial”.

Já no artigo “Quando Patrícia Lino recicla Ana Hatherly: a não originalidade paródica em *Variações sobre a Saudade* (2021)”, Bianca Mayer e Rita Bittencourt analisam a “Variação XVIII, Ana”, publicada na antologia *Variações sobre a Saudade* (2021), de Patrícia Lino, e identificam a porosidade da poesia de Lino na paródia não original do poema “O Terceiro Corvo”, de Ana Hatherly, realizando uma correção moral e cultural de Lino nesta intervenção. Na sequência, em “A transposição do poema canção em Poema da Mulher Suja, de Angélica Freitas e Vitor Ramil: compatibilidades e outros espaços de síncrese entre texto e canção”, os pesquisadores Rafael Silva e Bruna Machado, estudam a saída do suporte do poema no gesto de apropriação de Vitor Ramil ao poema de Freitas. Para tal, os autores cotejam os textos sonoros e visuais de ambos - da poeta e do músico -, e, a partir dos conceitos de figurativização, passionalização e tematização de Luiz Tatit (1986), procuram propor novos espaços de convergências e trocas entre texto e canção.

O fora que se coloca nas questões de corpo e gênero vai se apresentar neste dossiê em cinco artigos. Em “Discursos de/sobre uma personagem à deriva no conto “Amor” de Clarice Lispector”, Thaise Maria Armelin Elias, Nathalia Santos Camargo e Denise Gabriel Witzel tomam Ana, personagem do conto clariciano, como ponto de análise. O artigo procura demonstrar, a partir dos Estudos Discursivos Foucaultianos, especialmente os conceitos de discurso, sujeito e verdade, e das noções de fora de si, pensadas por Brizuela (2014) e Garramuño (2014), como maneira de aproximar as reflexões sobre um corpo transgressor que leva a questionar os limites, meios e extremos presentes em uma literatura dita conceitual, desde o final dos anos 1960. Em “Paulo Augusto e a poesia homoerótica: transgressão e pionerismo em *Falo*”, José Vinicius dos Santos e Karla Renata Mendes chamam a atenção para a visibilidade de corpos oprimidos pelos movimentos sociais no século XX, o que permitiu que no tempo presente ocorra um maior destaque para a presença de suas representações na literatura. Porém, os autores ainda enfatizam que o lugar para a literatura *queer* é incerto, já que muitos autores e textos permanecem à margem, como o autor potiguar Paulo Augusto, que publicou nos anos 1970, em plena ditadura militar, o livro *Falo*. Desta forma, o texto se propõe a observar, considerando o pensamento de Judith Butler, Michel Foucault, Guacira Lopes Lobo e Richard Miskolchi, “a imposição social de um gênero, a repressão sobre corpos dissidentes à norma sexo-gênero cisheteronormativa e a posição de margem ocupada por esses corpos”.

Seguindo na esteira do fora em relação a gênero e corpo, temos o artigo “Sobre literatura menor: a escrita de Diamela Eltit”, de Mariana de Almeida, Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira e Letícia Barros Soares. Partindo dos encaminhamentos dos Estudos Culturais, como o pensamento de Escosteguy (2006), a partir dos considerados “pais fundadores” - Raymond Williams, E. P. Thompson e Richard Hoggart - as autoras defendem a ideia de que é possível abrir espaço na crítica para literaturas escritas por mulheres, como a da chilena Diamela Eltit, enfatizando a necessidade de estudo do trabalho da autora chilena, considerando seu histórico na militância durante a ditadura Pinochet, momento também que ela inicia sua escrita. Por fim, as autoras do artigo consideram a sua produção recente como menor, levando em consideração a noção de Deleuze e Guattari (1975), bem como Lértora (1993).

As questões do pensamento do fora, corpo e gênero também estão associadas à crítica e à negritude. Em “Enegrecendo a crítica: por uma experiência do fora”, Paulo Petronilio convoca o leitor a pensar sobre a necessidade de trazer a problemática negra à crítica literária brasileira

ressaltando que é preciso “descolonizar o ‘fora’, tal como foi pensado nos moldes ocidentais, eurocêntricos, e descolonizar a crítica, que é branca, cis e heterossexual”. Parte do “pensamento feminista negro” e da “literatura preta”, de Conceição Evaristo (1996), para tensionar a crítica canônica, de supremacia branca, imperial e patriarcal, a fim de pensar em uma crítica que permita múltiplos processos de subjetivação, de potencialização de novas experiências do fora em que a literatura e crítica pretas sejam pensadas e colocadas como “potente encruzilhada de luta e emancipação”. Por fim, em “Sobre descolonizar corpos autorais: o gesto da escrita como movimento fundante de uma política do texto”, Amanda Franco e Cláudia Caimi colocam em discussão as controvérsias sobre noção de autoria em textos literários. Destacam que o conceito é produzido desde um lugar de poder estabelecido por intelectuais homens, brancos e europeus, como Roland Barthes, cujas concepções, a partir de um paradigma estruturalista, definiram e decretaram a morte do autor. Assim, a proposta é a de problematizar estas condições ao pensar a escrita de mulheres negras, que denuncia a impossibilidade de uma neutralidade na linguagem, “abrindo um espaço potente de tensionamento e interrogação do cânone e contribuindo na construção de um paradigma decolonial, ético, estético e político”.

Luciana Paiva Coronel, no artigo “Em passo de tango no calor carioca: errância e despertencimento em *Todos os pecados do mundo*”, de Norberto Presta” insere no debate sobre as manifestações do pensamento do fora, no cenário da literatura latino-americana contemporânea, uma leitura dos movimentos errantes do personagem protagonista Manuel, do romance argentino, tomando por fundamentos os conceitos de “estrangeiro” de Néstor Canclini (2016) e de Julia Kristeva (1994) e o conceito de “migração” a partir de Pierre Ouellet (2016) para analisar sua identidade desterritorializada. A estrangeiridade de Manuel é compreendida basicamente através de seu modo de andar e de sua peculiar tentativa de enraizamento na cidade do Rio de Janeiro, o que permite concluir que ele habita um entre-lugar cultural, conformado pela representação simbólica do despertencimento. Além disso, o caráter do fora também está presente no trânsito constitutivo do romance, enquanto ficção, com as formas autoficcionais ou alterficcionais, conforme proposto por Evandro Nascimento (2017) e ainda no estatuto da ficção e do testemunho do mundo, conforme o entendimento de Julián Fuks (2017), trazendo outras possibilidades de leitura.

Assim como no artigo anterior, tomando os lugares do fora dos próprios componentes da narrativa, Renildo Medeiros e Juliane Welter, em “Silviano-Samuel: Os contornos híbridos entre escritor, autor e narrador em *O falso mentiroso*”, tornam visíveis os tensionamentos entre ficção e não-ficção na narrativa brasileira do século XXI, permitindo discussões sobre a factualidade do/s evento/s narrado/s. Na análise crítico-interpretativa da obra *O falso mentiroso* (2004), de Silviano Santiago, e sua composição de romance que simula uma autobiografia, são discutidos os últimos contornos entre as três figuras - escritor; autor; narrador - para verificar a elasticidade da linguagem romanesca contemporânea, diligenciada, sobretudo, pelo retorno memorialístico. Na empreitada, os autores destacam alguns referenciais que embasam o debate: as definições estruturais de autoficção de Martins (2014), Nogueira (2018) e Santiago (2018); as teorias literárias contemporâneas de Hutcheon (1992), Ginzburg (2012) e Fuks (2016; 2017); e as ideias sobre a categoria da memória propostas por Seligmann-Silva (2002) e Sarlo (2007). Por fim, destacam a condição de um caráter híbrido posto em obra.

Flavia Neves Ferreira, com o objetivo de explorar alguns excertos das correspondências pessoais de Lispector mantidas com suas irmãs durante os anos em que a escritora viveu fora do Brasil (1944 e 1959), no artigo “A relação entre o exílio e o fora nas missivas de Clarice Lispector” empreende uma análise a questão do exílio, direcionada no sentido de um ‘estar fora’, seja no significado de desenraizamento territorial como também na condição própria da existência. As cartas foram organizadas no livro *Minhas Queridas*, compiladas pela biógrafa Tereza Montero, e, além disso, a pesquisadora recorre aos aportes teóricos de Edward Said e Jean-Luc Nancy, entendendo que pensar o exílio em Clarice é pensá-lo como algo próprio, não como propriedade, ou seja, como abertura para o mundo, como proximidade na distância. Neste sentido, a experiência pessoal de Clarice e a prática de escritora, testemunhando a linguagem e a existência como estrangeira, funcionam, ao mesmo tempo, como abertura do ser-no-mundo, que significa movimento de ser: um ‘estar fora’, que, além de atravessar os discursos, também pode ser considerado uma ‘rede produtiva’ não somente para a vida pessoal da escritora, como também para a riqueza do contexto da sua literatura.

Em dois trabalhos é possível localizar o fora no diálogo ou releituras de acontecimentos histórico-políticos e sociais realizados desde o campo literário. A poesia contemporânea de Isabel Aguiar, no conjunto de *As mães da Síria*, é objeto de leitura de Daniel de Oliveira Gomes, no artigo “Os vitrais líricos de *As mães da Síria*: Isabel Aguiar e os rastros do fora”. O autor identifica no estilo poético de Aguiar um repensar o mundo patriarcal a partir de suas ruínas, pensadas paradoxalmente como presença do fora. E, em “Memória e o tempo histórico em face à ditadura militar no contexto das universidades em *O lugar mais Sombrio*, de Milton Hatoum”, Tatiana Prevedello estuda a inovação da técnica narrativa de Hatoum, seu trabalho em múltiplos planos espaço-temporais para compor um arquivo histórico-memorialístico. A partir da hermenêutica de Paul Ricoeur, Prevedello analisa as relações entre testemunho, escrita e a construção de um arquivo encenado no romance de Hatoum, que tem como pano de fundo o contexto das universidades brasileiras no período da ditadura militar, a partir das relações da personagem Martin com outros jovens universitários da UnB e USP.

Conforme comentado do início desta apresentação, múltiplas manifestações do pensamento do fora atravessam as produções literárias contemporâneas, em termos formais, sociais, políticos e culturais. A quantidade e a qualidade dos trabalhos recebidos, que ora publicamos, sublinham o interesse e a necessidade de explorar os temas e formas críticos do fazer e do viver as artes, em trânsitos e refúgios da teoria, nestas caóticas primeiras décadas do século XXI, que, de algum modo, parecem repetir, diferindo, a primeira metade do século XX. Não fosse o exercício da especulação, não fosse o aprofundamento de certas ocorrências planetárias, não fossem as potências ocultas do pensamento que insiste...

A entrevista que encerra esta edição, *Entretien avec le Professeur Docteur Dominique Rabaté*, realizada por Keli Cristina Pacheco e André Cechinel, ainda que em sessão à parte, também dialoga, a seu modo, com as poéticas do fora apresentadas nos artigos que compõem o dossiê. Rabaté observa que o literário, justamente, nos lembra outras formas de mundo, outras temporalidades e outras experiências humanas, ao conjugar a investigação em torno da linguagem à crítica aos movimentos de dominação, o que confere à disciplina um caráter simultaneamente questionador e reparador.

A poesia, como nos ensina Ana Martins Marques, no livro *Risque esta palavra*, brevemente citado em epígrafe, encena as variações de cair e encerrar, igualmente, nos movimentos polissêmicos do fora, exibindo, assim, as possibilidades mesmas de seu próprio existir.

Keli Cristina Pacheco

Nilcéia Valdati

Rita Lenira de Freitas Bittencourt

(Organizadoras)